



CASA DE CINZAS E SOMBRAS

SERIE CIDADE DOURADA - LIVRO UM

LEIA STONE



LEIA STONE

TRADUÇÃO SANDRA MARTHA DOLINSKY

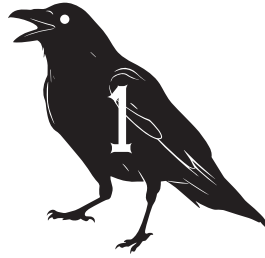
CASA
DE CINZAS
E SOMBRAS

SÉRIE CIDADE DOURADA - LIVRO UM



PARA MINHA SOBRINHA
AVERY. NÃO IMPORTA
SE VOCÊ LÊ RÁPIDO
OU NÃO: VOCÊ AINDA
PODE SER A PESSOA
MAIS PODEROSA
DO MUNDO.





— FELIZ ANIVERSÁRIO! — GRITAMOS EU E SORREL EM UNÍSSONO, saindo de baixo da mesinha da cozinha onde estávamos escondidos.

Meu pai havia acabado de entrar em nossa cabaninha depois de um longo dia de trabalho, e embora parecesse estar exausto e meio corado, um sorriso se abriu em seu rosto.

Peguei o bolo meio torto que eu havia feito e o estendi para ele, me arrastando pelo chão de terra batida de nossa cabana.

— Laranja com amêndoas? — perguntou ele, animado.

Fiz que sim.

— Seu favorito. Com cobertura de mel das abelhas da senhora Lancaster.

Eu não era tão boa confeitadeira quanto meu pai, mas sabia me virar na cozinha.

Minha vizinha e querida amiga Sorrel tirou a bolsa de ferramentas de meu pai e a deixou no chão para que ele pudesse se sentar à mesa conosco.

Papai se aproximou da mesa meio devagar e eu franzi a testa.

— Ainda está com febre?

Ele havia sofrido um arranhão no rio, uns dias antes, e a ferida havia infeccionado.

Meu pai fez que sim e olhou para Sorrel.

— Passei o óleo de nim que você me deu hoje de manhã.

Sorrel era nossa autodidata especialista em herbologia. O que lhe faltava em magia de cura ela compensava com inteligência.

— Agora você está com quantos anos? Uns setenta? — brinquei.

Ele deu uma risadinha.

— Quarenta e quatro, quase setenta.

Ele alongou o pescoço. Havia sujeira sob suas unhas e até nas orelhas pontudas. Como ele era um dos principais trabalhadores de nossa aldeia, eu não me lembrava de uma única vez que meu pai houvesse voltado para casa limpinho. Ele era muito esforçado, e eu tinha orgulho disso.

— Conseguiu consertar a represa? — perguntou Sorrel enquanto cortava um pedaço de bolo para ele e o servia.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Já remendamos; o lago deve aguentar.

Isariah, nossa cidadezinha, ficava a três horas de caminhada da Cidade Dourada, lar dos feéricos mais poderosos do reino. Lá havia água encanada e outras comodidades em abundância, mas nós tínhamos de nos virar com o que podíamos arranjar sozinhos. O que significava uma represa artificial no rio Cobra Morta, que desaguava no lago Mirtilo, apropriadamente batizado por conta das centenas de pés de mirtilos silvestres que cresciam em seu perímetro. O rio Cobra Morta havia ganhado esse nome porque, sem a represa, era um riacho fraco que não podia sustentar mais de dez pessoas.

O lago e a represa eram cruciais para nossa sobrevivência; não só bebíamos a água deles, como também irrigávamos nossos campos e nos lavávamos com ela. Se os perdêssemos, ninguém ligaria se um bando de feéricos banidos e sem poderes mágicos morressem de sede ou fome.

Sorrel serviu bolo para mim e eu pensei em tirar minhas luvas, que chegavam até os cotovelos, para comer. Mas melhor ficar com elas para evitar acidentes. Eu não queria estragar o grande dia de meu pai me contorcendo de dor no chão.

— Fallon, qual é sua lembrança favorita com seu pai? — perguntou Sorrel, dirigindo-se a mim enquanto comia o bolo.

Sorri, olhando para o homem que havia me criado como se eu fosse sua filha.

— Quando eu tinha doze anos — respondi. — No dia em que cheguei da escola chorando porque as crianças ficavam me tocando para ativar minha maldição.

Meu pai estendeu a mão e a pousou sobre a minha — sobre a luva, com cuidado para não tocar minha pele nua.

— Lembro bem desse dia.

Meu coração ficou apertado ao pensar naquele dia tão doloroso, tanto físico quanto emocionalmente. Eu havia nascido com uma maldição sobre a qual não tinha nenhum controle, e injustamente tinha que carregá-la pelo resto da vida.

— Você me disse uma coisa, nesse dia, que nunca mais esqueci — disse eu. — Você disse que eu não podia controlar a maneira como as pessoas me tratavam, mas que podia controlar minha reação aos maus-tratos delas. Que isso me definiria como pessoa.

Aquilo havia sido um ponto de virada em minha vida. Eu poderia ter seguido um caminho sombrio, revoltada e odiando o mundo; mas graças a meu pai, escolhi focar no que eu podia controlar e nas bênçãos que eu recebi.

Sorrel pigarreou.

— Se bem me lembro, naquele dia ele também te deu a adaga dele e disse que era para você se proteger, se necessário — disse ela, indicando meu quadril, onde eu costumava levar a faca.

Caímos na gargalhada e meu pai concordou.

— Bem, a moral da história é: seja gentil com os outros, mas, se for preciso, defenda-se.

— Senhor Brookshire, sua vez. Sua lembrança favorita com a Fallon — disse Sorrel. Era tradição em Isariah compartilhar histórias em aniversários e feriados, uma vez que não tínhamos moedas para dar presentes.

Ele se recostou e olhou para mim com um olhar afetuoso.

— Essa é fácil. O dia em que te encontrei.

Senti um nó na garganta ao ouvir suas palavras e lembrei que tinha sido levada para Isariah na calada da noite, dezessete anos atrás. Eu havia sido deixada no portão da casa, dentro de uma cestinha, ainda com o cordão umbilical amarrado às pressas.

Dentro da cesta, escondido em meu cobertorzinho, havia um bilhete com apenas quatro palavras:

Não toque nela. Amaldiçoada.

Já dá para imaginar o que isso provocou no povo de minha aldeia: ficaram em alvoroço. Que tipo de maldição? Uma maldição mortal

para quem tocasse em mim? Uma maldição para a terra que dizimaria as plantações? Uma doença que se espalharia pela aldeia como uma pneumonia e eliminaria todo mundo?

Ninguém me queria.

Fiquei na cesta, chorando noite adentro, até que, finalmente, nas primeiras horas da manhã, um jovem de vinte e poucos anos saiu à rua. Ele havia perdido a esposa por causa de uma doença respiratória um ano antes, e nunca tiveram filhos. Queriam ter tido, mas ela era estéril. Sem hesitar, ele pegou minha cesta. Como ele não morreu de imediato, as pessoas se aproximaram para me ver.

— É só uma criança inocente — disse o homem. — Vou cuidar dela, e qualquer maldição que ela carregue cairá sobre mim.

Foi assim que meu pai se apegou a mim. Ele me amou quando ninguém mais me queria, quando todos morriam de medo de chegar perto de mim.

Mais que de depressa ele aprendeu que “não toque nela” *literalmente* significava não tocar em minha pele. O que causava prazer em todo mundo, em mim provocava uma dor insuportável. Um simples toque de pele era como se eu houvesse sido atingida por um raio. Já dá para imaginar, trocar a fralda suja de um bebê cuja pele não se podia tocar era quase impossível. Nos primeiros cinco anos da minha vida, meu pai tinha usado luvas até os cotovelos. Por mais que ele quisesse me livrar da maldição que me afligia, o fardo era meu, eu teria que carregá-lo sozinha.

— Esse também foi meu dia favorito — disse eu, abrindo um sorriso largo. — Mesmo sem lembrar de nada.

Então, eu e Sorrel começamos a contar uma infinidade de lembranças favoritas da infância, que nos faziam rolar de rir.

Por fim, olhei para meu pai e vi gotas de suor em sua testa, e seu rosto, antes corado, agora estava pálido.

— Você não parece bem, pai. Não quer tomar um banho e descansar um pouquinho?

Ele deu um sorrisinho e um tapinha em minha mão coberta.

— Você sempre pensa no seu velho. — Ao se levantar, ele fez uma careta e levou a mão à lateral do corpo. Eu e Sorrel trocamos um olhar preocupado. Meu pai se segurou na cadeira e cambaleou.

— Pai! — Eu me levantei com o coração disparado.

Sorrel foi mais rápida; levantou-se às pressas e foi até meu pai, que estava pálido como se fosse de cera.

Então, horrorizada, eu o vi cambalear mais uma vez e cair como um saco de batatas. Seu corpo fez um baque quando bateu no chão e eu gritei e corri para tentar pegá-lo. Mas não adiantou. Ele era pesado, e mesmo estendendo as mãos cobertas, não consegui.

— Sorrel! — gritei em pânico. Ela colocou a cabeça dele no colo, enquanto eu esticava suas pernas, para que ele ficasse todo estendido, de costas no chão.

Sorrel ficou cuidando de meu pai, enquanto eu andava de um lado para o outro pelo chão de terra batida da cabana.

— Ainda está infeccionado. Está com um cheiro podre — disse Sorrel, franzindo a testa enquanto cutucava o abdome de meu pai.

— Aquele cortezinho? — Eu me inclinei sobre ela e olhei o cortezinho perto do umbigo dele. Meu sangue gelou. Estrias vermelhas e profundas saíam do corte e subiam pelo seu peito; mas o corte em si era ridículo de tão pequeno. Ele havia se arranhado num galho perto do rio outro dia. Eu estava junto. — Essa coisinha? — Franzi a testa, a inquietação caía sobre mim como uma sombra.

Sorrel olhou para mim com terror.

— Eu já vi isso antes. Estrias vermelhas que vão na direção do coração significam morte em 24 horas. — Ela indicou as estrias vermelhas, que já cobriam metade do caminho para o coração dele, e eu fiquei sem ar.

Morte?

Não.

— Foi... foi só um galho. Um galhozinho besta. — Um soluço se formou na garganta; Sorrel cobriu a barriga de meu pai com um pedaço de pano. Então, pousou a cabeça dele delicadamente no chão e se aproximou de mim.

— Eu sei que ele é importante para você — disse, tentando me consolar.

Pela Luz. Ela estava me olhando como se eu fosse perder meu pai a qualquer momento. E justo no dia do aniversário dele.

— Ele é tudo o que eu tenho — murmurei. Parecia que meu coração ia sair pela boca só de imaginar perdê-lo. — Colocamos mais óleo de nim? Ou melhor eu ir buscar umas ervas? Faça uma lista e...

— Fallon. — Sorrel segurou minha mão coberta. — Isso está além da minha compreensão. Você sabe que, se eu pudesse ajudar, ajudaria, mas...

— Não — rosnei, tentando me controlar; eu não podia entrar em choque. Ele precisava de mim. — Eu não vou aceitar. Do que você precisa para salvá-lo? — Olhei para Sorrel com firmeza.

— Um curandeiro feérico da Cidade Dourada ou uma tintura anti-germes de um boticário — zombou ela.

Eu sabia que Sorrel estava sendo sarcástica, mas ela não sabia até onde eu estava disposta a ir para salvar o homem que me tratou como uma pessoa quando todo mundo tinha me abandonado.

— Tá bom — eu disse, soltando a mão dela e atravessando a cozinha para ir até meu quartinho. Os sacos de dormir estavam uma bagunça; eu não os havia arrumado como ele havia me pedido, e agora me arrependia. *Eu deveria ser uma filha mais obediente.*

Me larguei no chão, alisei os dois cobertores grossos e dobrei as pontas como ele gostava; a seguir, fui até meu baúzinho.

— Ei, Fallon... — Ouvi a voz de Sorrel à porta enquanto eu pegava minha pequena adaga no baú e a guardava na bota. — O que está fazendo? — perguntou por fim.

Sorrel era uma amiga querida; nunca zombava de mim por causa de minha condição e tomava muito cuidado para não me tocar. Quando éramos pequenas, ela jogava pedras nas crianças que me zoavam tocando os próprios braços e fingindo chorar e ter convulsões como eu.

Ela era uma joia rara; mas também era toda certinha. Como pessoas expulsas da Cidade Dourada e sem poderes mágicos, o povo de Isariah já tinha muita coisa contra nós. Sorrel achava que podia compensar isso aprendendo a ler e tentando se especializar em herbologia. Tentava elevar seu status por meio de métodos acadêmicos, e eu a respeitava por isso, mas ela não concordaria com o que eu pretendia fazer. Inclusive, talvez até tentasse me impedir, por isso, quanto menos eu contasse, melhor.

Fiquei em pé e coloquei minha pesada capa cinza, curta demais e cheia de buracos. A seguir, calcei minhas grossas luvas de camurça até os cotovelos. Sorrel começou a andar de um lado para o outro à porta do quarto.

— Fallon, eu estava brincando! Você não pode ir lá e pegar um curandeiro da Cidade Dourada.

Concordei.

— Vou buscar a tintura primeiro.

Ela arregalou os olhos.

— Os únicos boticários que vendem tinturas antigermes ficam *lá dentro* da Cidade Dourada.

Concordei de novo e fiquei em pé para encará-la.

— Não deixe que ele morra até eu voltar; senão, *nunca* vou te perdoar.

Vi a tristeza em seu rosto, e eu sabia que não era justo dizer isso e pressioná-la, mas estava desesperada.

— Você não pode estar falando sério! Fomos banidas. O preço de invadir ilegalmente a Cidade Dourada sem poderes mágicos é a morte.

Lágrimas encheram meus olhos, embaçando minha visão, e então transbordaram e rolaram pelo rosto.

— Se ele morrer, vou morrer por dentro; aí não faz mal se me matarem — eu disse. — Agora, por favor, *saia da frente*.

Sorrel sabia que eu não podia lutar fisicamente com ela. Bastava que ela estendesse a mão e roçasse um pedacinho de carne exposta e eu cairia de joelhos em agonia.

Ela engoliu em seco.

— Você é tão teimosa. — Havia derrota em sua voz. Ela era dois anos mais velha e eu a considerava como uma irmã. Ela e a mãe moravam ao lado de nós e havíamos crescido juntas. Não havia ninguém em quem eu confiasse mais do que nela para manter meu pai vivo.

— Sei que sou — concordei.

Ela levou a mão ao rosto para enxugar uma lágrima perdida.

— E se eu pudesse, abraçaria você agora. Droga.

— Eu também sei disso — disse com voz trêmula. Não podíamos arriscar... até o cabelo de alguém roçando em mim desencadeava minha maldição.

Ela saiu pela porta, cabisbaixa.

— Que a Luz te proteja.

Que a Luz me ajude a invadir a botica e sair sem ser vista, era o que eu queria dizer.

Fui até meu pai e acariciei seu rosto com minhas luvas de camurça. Ele se mexeu de leve; sua pele cinzenta e cerosa estava coberta de suor. Com seus quarenta e poucos anos, ele já tinha uns fios grisalhos nas

têmporas, mas era um dos homens mais fortes da aldeia. Eu não deixaria que a Luz o levasse por causa de uma infecção provocada por um galho de árvore idiota!

— Aguenta aí, meu velho, não vou deixar você partir assim tão fácil, não — eu disse, e então, parti para a proibida Cidade Dourada.

Eu nunca havia entrado lá, não sabia onde ficavam as boticas e não tinha moedas nem status para atingir meu objetivo. As chances de voltar com vida e com a ajuda necessária para meu pai eram mínimas, mas eu não podia ficar de braços cruzados assistindo à morte do único homem que já me amou.

Eu não faria isso.

Que se danem as consequências.

A caminhada da aldeia, nos arredores da Cidade Dourada, até os portões dourados levava três horas, mais ou menos. Eu fazia essa viagem duas vezes por ano para assistir ao espetáculo de luzes no céu, nos solstícios de verão e de inverno. Os cidadãos dourados tocavam música, dançavam e faziam espetáculos de luzes incríveis, e todo o povo de Isa ia só para poder ter um vislumbre daquilo do lado de fora dos portões. Mas eu nunca havia passado pelos portões, que, segundo os boatos, eram eletrificados. A Cidade Dourada era a mais rica do reino, e eles ostentavam isso no próprio nome e na barreira que usavam para bloquear a entrada de feéricos pobres e inúteis como eu.

Diziam as más línguas que os portões não eram feitos de ouro de verdade, e sim de um mero feitiço que a rainha Solana usava para embelezar a cidade. De qualquer forma, eu passaria por eles, ou os atravessaria, custe o que custar. Depois daqueles portões estavam os curandeiros, as tinturas, a magia e um mundo inteiro sobre o qual eu nada sabia. Um mundo que podia ajudar a salvar meu pai.

Eu só havia visto magia em duas ocasiões: uma vez, quando um soldado da realeza dourada tinha passado pela nossa aldeia a caminho de uma cidade distante. Ele casualmente havia usado magia para fazer o sal flutuar sobre a mesa e cair em sua mão na taberna de Hipsie, onde eu trabalhava.

Eu havia ficado boquiaberta, completamente chocada ao ver aquilo — assim como metade das pessoas ali. Mas o homem apenas sorria, tímido, como se gostasse de se exibir para a pobre ralé sem poderes mágicos.

A segunda vez que vi magia foi um pouco mais séria. Uma criatura da noite havia atacado nossa aldeia. Ouvimos a senhora Turvy gritar e corremos para ajudar, mas quando chegamos, a criatura já estava grudada no pescoço dela, bebendo seu sangue. Meu pai atirou nela com seu arco de caça e a criatura da noite se transformou em sombras negras e desapareceu. Eu tinha ficado tão assustada que não dormi por três noites.

Vozes adiante me fizeram diminuir o ritmo. Eu estava tão perdida em pensamentos que não percebi que havia chegado ao posto avançado da Cidade Dourada. Estava tudo escuro, eu só tinha a lua para me iluminar. Uma torre de vigilância surgia à frente e eu pude ver as luzes da cidade além dela, por entre a densa floresta. Os portões brilhavam ao luar, criando um perímetro de inveja em todos que não tinham permissão para entrar.

Eu estava a ponto de comer o fruto proibido que a Cidade Dourada tinha a oferecer, e deveria estar com medo. Minhas mãos deveriam pelo menos estar tremendo, mas eu só conseguia pensar no meu pai e nas linhas da morte tentando chegar ao coração dele.

Respirando fundo, fiz o que fazia de melhor.

Desapareci.

Não como um feérico com tal poder faria, mas do jeito que eu sabia fazer depois de dezessete anos tentando evitar ser tocada pelas pessoas. Se ninguém me notasse, ninguém me tocaria. E se não me tocassem, eu não sentiria dor.

Coloquei o capuz, grudei as costas nas árvores e atravessei a parte mais densa da floresta. Fui andando na ponta dos pés, evitando pisar em folhas, galhos ou qualquer coisa que fizesse barulho. Misturei-me ao musgo macio e terra remexida. Seguindo na diagonal para o leste, consegui passar de fininho pela torre de vigilância e evitar a entrada principal da Cidade Dourada. Aqueles portões eram protegidos, feitos de algo que eu não podia ultrapassar. Depois de caminhar na diagonal para o nordeste por um bom tempo, finalmente cheguei a uma parte da floresta em que as árvores eram mais esparsas e eu podia ver os portões dourados e brilhantes da cidade.

Meu coração pulsava forte na garganta, enquanto eu me abaixava para ver se a adaga ainda estava firmemente escondida na minha bota, onde ficaria longe da vista. Eu não sabia por que a havia pegado; não sabia se seria capaz de machucar alguém na tentativa de salvar meu pai, mas... podia muito bem ameaçar. Essa simples ideia fez a vergonha tomar conta de mim. Meu pai tinha me ensinado muito sobre Isa. Éramos sobreviventes das circunstâncias. Quando me deu a adaga, no meu aniversário de doze anos, ele havia dito para usá-la apenas quando achasse que minha vida me seria tirada se eu não agisse. Sem dúvida, a vida em Isa não era fácil — crescer sem poderes mágicos, sem status, sem dinheiro era difícil. Comparados aos feéricos da Cidade Dourada, nós morríamos mais jovens, éramos mais magros e trabalhávamos como servos. Mas não éramos criminosos. Não éramos assassinos. Eu não queria machucar ninguém.

O que eu estava a ponto de fazer — roubar na Cidade Dourada e possivelmente usar minha adaga para isso — não deixaria meu pai orgulhoso.

Mas eu não ligava.

Se ele estivesse vivo para ralar comigo, já seria o suficiente para mim.

Com este último pensamento, passei por entre as árvores e cheguei ao campo que se abria diante da cerca dourada. Olhando depressa para a esquerda e a direita, não vi ninguém e segui em frente. Corri pelo gramado como uma leoa perseguindo uma presa. Eu sabia que naquele momento estava mais exposta aos guardas das altas torres e que precisava ser rápida. Tinha toda a intenção de escalar a cerca dourada de seis metros de altura, até que, mais ou menos a um metro dela, ouvi o zumbido agudo da eletricidade.

Não tínhamos eletricidade em Isa. Como era necessário um tipo especial de magia para gerar a corrente de energia e, depois, um cristal caro para capturá-la, nunca tivemos essa opção. Mas eu já tinha ouvido falar de eletricidade, havia aprendido sobre ela nos livros que Sorrel tinha me ensinado a ler. Eu sabia que um zumbido de corrente elétrica estava associado a ela, e ouvi boatos de que a muralha era protegida dessa forma. E que quem a tocasse levaria um choque doloroso.

Engraçado, eu sempre descrevi a dor de ser tocada como um choque, mesmo sem ter ideia de como era um choque de verdade. Sorrel havia

lido um livro para mim quando eu era pequena, no qual um menino tinha sido atingido por um raio e seu corpo inteiro queimou e tremeu, e ele sentiu como se sua pele estivesse pegando fogo.

Na hora, eu havia ficado sem fôlego e disse que era isso que sentia toda vez que alguém me tocava. Meu pai estava lá. Como não sabia ler, ele gostava de ouvir Sorrel lendo em voz alta para nós.

Nunca esqueci a expressão dele naquela noite: horror absoluto. Ele nos disse que estava cansado e nos desejou uma boa noite.

Nossa casa não tinha um isolamento muito bom, por isso, ouvimos seus soluços vindos do quarto dele durante a hora seguinte. Mesmo tão jovem, eu entendia que me ouvir descrever minha dor havia doído *nele*, e eu não queria que isso acontecesse. Então, depois daquele dia, deixei de descrever meu desconforto para meu pai.

Agora, eu estava encarando os portões dourados e me preparava para sentir uma grande agonia. Tinha certeza de que assim seria. Mas pelo meu pai, eu encararia. Cheguei mais perto, tentando planejar a subida e me perguntando se me segurar nas grades com luvas ajudaria alguma coisa, quando percebi que os vãos entre as barras de ferro eram enormes. Não grandes o bastante para um homem adulto, mas para uma garota de dezessete anos abaixo do peso e sem muito peito... dava para eu passar! Fiquei imaginando se conseguiria simplesmente passar entre elas. Decidindo que valia a pena tentar, encolhi a barriga e me posicionei de lado.

Havia uma floresta do outro lado dos portões, então, se eu conseguisse chegar até lá, poderia me esconder dos guardas. Sem ficar quebrando a cabeça, eu me lancei no vão entre as grades e rezei à Luz para que conseguisse sair viva do outro lado.

A primeira metade de meu corpo passou com relativa facilidade. Mas quando meu peito roçou na barra e puxou o tecido da capa, a corrente elétrica percorreu meu corpo e eu perdi o ar. A dor correu pela minha espinha, roubando meu fôlego e fazendo todo o meu corpo estremecer. Lancei o resto do corpo pelo vão bem a tempo, antes de cair de joelhos, contendo um grito.

Doeu. *Muito*. Mas não mais que minha maldição. E me deixou triste, por um momento, saber que a maldição que eu carregava era tão forte que era semelhante ao que a Cidade Dourada usava para se proteger do mal.

Me arrastando de joelhos, ofegante, ainda sentindo os resquícios da dor na pele, cheguei à densa fileira de árvores dentro da cidade e, então, caí de costas. Minha cabeça zumbia, como acontecia quando eu sem querer — ou não tanto assim — era tocada. Algumas pessoas ficavam curiosas, ainda mais nos meus primeiros anos de escola, e queriam saber se minha maldição era real. Ou qual seria minha reação.

Um dedo em meu pescoço, uma mão em meu cabelo... Meu pai quase me tirou da escola da aldeia porque isso havia começado a acontecer com muita frequência.

Então, passei a levar minha adaga à escola. E quando alguém me tocava de propósito, para rir de mim ou me ver me contorcendo no chão, eu sacava a arma e a encostava de leve na garganta da pessoa.

Isso passou a impedir que eventos assim acontecessem, e meu pai nem ficou sabendo que eu estava levando a arma à escola. Foi uma vitória para todo mundo.

Meu pai...

Por mais que quisesse ficar deitada na terra fria e deixar a pele dolorida esfriar, eu tinha que continuar. Aquelas estrias vermelhas e furiosas no abdome de meu pai eram um presságio de morte. Se chegassem ao coração, ele me deixaria. E eu não podia permitir isso.

Tentei me orientar e me dirigi para a cidade, me afastando dos portões dourados e seguindo um som de festa. Eu conhecia aquele som: copos tilintando, vozes animadas, passos pesados. Havia uma taberna logo à frente, como aquela em que eu trabalhava. Nas tabernas havia pessoas, em geral entorpecidas por causa do hidromel; e, com sorte, as dali não olhariam duas vezes para minhas roupas esfarrapadas, nem dariam importância ao fato de eu precisar de informações numa cidade na qual supostamente morava.

E de fato avistei o grande edifício ao sair do meio das árvores densas e pegar uma caprichada ruazinha de paralelepípedos. A taberna não se parecia nem um pouco com aquela em que eu trabalhava em Isariah. Era quatro vezes maior, feita de tijolos vermelhos sólidos, e tinha um alpendre cheio de feéricos dançando e erguendo seus copos para o céu.

Devia ser algum feriado. Ou um aniversário, quem sabe. Com certeza não comemoravam assim todas as noites, não é? Quem tinha dinheiro para beber daquele jeito todas as noites? Enquanto eu passava pela frente

da taberna, meu olhar foi percorrendo os feéricos, tentando pousar em alguém que parecesse acessível.

Uma garota, que devia ter uns vinte e poucos anos, estava olhando para as próprias unhas, aparentemente entediada. Fui até o parapeito do alpendre e a chamei:

— Moça...

Ela levantou a cabeça de repente e olhou para mim, observando minha capa surrada e meus sapatos rachados. Recuou um pouco e, de repente, me senti envergonhada. Aqueles feéricos todos se vestiam de seda e veludo; suas roupas coloridas não haviam visto mais que três lavagens. Seus cabelos eram perfeitamente penteados e os rostos, cobertos de maquiagem.

— Sou de outra cidade, vim visitar minha prima e ela já foi dormir. Estou com dor de cabeça e preciso ir ao boticário — eu disse, olhando para a rua de paralelepípedos.

Havia uma série de edifícios que davam para uma parte maior da cidade. Eu torcia para que aquela garota pudesse me indicar a direção certa.

— Por uma simples dor de cabeça? — Ela riu. — Meu amigo ali dentro tem um pouco de magia de cura. Só para condições mais brandas, mas dor de cabeça é fácil para ele. Vou buscá-lo e...

Eu a interrompi, em pânico.

— Prefiro uma tintura, para poder guardar um pouco para mais tarde, quando não houver um curandeiro feérico tão acessível.

Quantas vezes, em Isariah, havíamos ido para a cama sofrendo, e curandeiros feéricos andavam simplesmente vadiando ali pela Cidade Dourada, fazendo a dor desaparecer de graça! Notei que ela havia dito que a magia do amigo se limitava a condições mais brandas, daí não lhe pediria que ajudasse meu pai.

Ela pensou por um segundo, mas depois concordou.

— Siga por esta rua. Vire à direita na travessa Rosa e à esquerda na rua Salgueiro. BoticAvis.

O alívio se espalhou pelo meu peito ao ouvir aquelas instruções simples.

— Obrigada.

Dei um sorriso sincero a ela e me virei para ir embora. Meu coração batia forte enquanto eu me afastava, rezando para que meu jeito de vestir

não me complicasse as coisas ali. Não havia pobres na Cidade Dourada? A mulher tinha me olhado como se nunca na vida houvesse visto uma capa rasgada! Mas eu não tinha tempo para me preocupar com as roupas. Meu pai estava à beira da morte. Com isso na cabeça, comecei a correr. Passei apenas por duas pessoas, ambas idosas. Acho que eram donos de lojas, porque eu havia visto um deles trancando a porta de uma relojoaria. Era hora de ir para casa, e eu não sabia se queria que a botica estivesse aberta ou fechada. Se estivesse aberta, eu poderia pedir ao boticário o remédio certo, mas aí teria que sair correndo sem pagar, e ele chamaria os guardas e os mandaria atrás de mim. Se estivesse fechada, eu poderia quebrar uma janela e entrar de fininho, mas teria que vasculhar tudo para encontrar a solução certa sozinha.

Como Sorrel havia dito mesmo? Eu já tinha esquecido, mas tinha certeza de que, se visse o rótulo, lembraria. Anti-infeccioso?

Decidi deixar isso nas mãos do destino.

Cheguei à travessa Rosa e virei à direita, tentando não olhar a cidade como uma turista maravilhada. Mas era linda. Mais bonita do que eu imaginava. Primeiro, era tão *limpa*. As ruas pareciam varridas, não havia sujeira nenhuma... nem lixo. Cada rua tinha uma luminária brilhante, com uma cesta de flores pendurada nela, e quando olhei para cima para ver a fonte da luz, vi um cristal. Era exatamente como eu havia lido; um cristal que os feéricos de energia carregavam com magia para produzir eletricidade. Ele emitia um leve tom arroxeadado, que inundava a cidade com um sutil brilho lilás. Cada loja era pintada de uma cor diferente. Amarelo, rosa, azul, tudo clarinho. Fiquei feliz só de olhar. Não havia nada de deprimente naquele lugar. Em Isa, vivíamos olhando para algo que precisava de conserto ou de limpeza, mas ali, tudo parecia perfeito.

A placa da rua Salgueiro me despertou do fascínio e virei à esquerda, dei um grito quando me vi cara a cara com um guarda da Cidade Dourada.

O emblema — uma chama dourada — em seu peitoral me encarava por baixo de uma capa. Ele também se assustou e eu pulei para trás para não ser tocada.

— Você me assustou. — Levei as mãos ao peito e tentei pensar em respostas para todas as perguntas que ele me faria.

Por que eu estava ali? Por que estava sozinha depois do anoitecer? Eu era mesmo dali? Por que minhas roupas estavam tão esfarrapadas?

Seu olhar percorreu meu rosto meio velado e ele me perguntou:

— O que está fazendo aqui fora depois do toque de recolher?

Havia toque de recolher ali?

Pense, Fallon.

Meu coração martelava no peito, enquanto eu já me via ser presa depois de chegar tão perto de meu objetivo.

— Tenho que retirar um pedido numa loja, mas juro que vou para casa logo depois.

Ele me deu um sorriso maroto.

— Você sabe que tem que ficar na Zona Oeste da cidade depois do toque de recolher. Tome cuidado para que nenhum outro guarda te veja, está bem?

Na Zona Oeste da cidade? Por quê?

— Tá bem — murmurei, sentindo o alívio se espalhar por todo o meu corpo me permitindo relaxar um pouco.

Ele concordou e foi embora.

Graças à Luz. Respirei fundo e continuei andando pela rua Salgueiro.

O que havia na Zona Oeste da cidade e por que eu deveria ficar lá? Não esperei para descobrir. Simplesmente me virei e andei o mais rápido que pude pela rua Salgueiro, olhando todas as lojas em busca do que estava procurando.

Delilah Doces, Swann Suéteres, Magali Mágicas e... lá estava, BoticAvis. Havia um padrão ali naquela coisa bonitinha de letras combinando. Quando voltasse para casa, eu teria que dizer para Hipsie que ela precisava mudar o nome da taberna para Taberna Tabitha, para ficar na moda.

Dei uma risadinha ao pensar nisso e fui até a entrada da botica. Meu coração quase parou quando vi a placa de fechado na frente e só uma luz fraca acesa lá dentro.

Não.

Verdade seja dita, eu não queria invadir a loja. Não queria roubar nada, mas não tinha dinheiro para pagar, e já havia chegado tão longe... não tinha como voltar atrás.

Olhando por cima do ombro, eu me certifiquei de que estava de fato sozinha na rua Salgueiro. Como não vi ninguém, me abaixei casualmente

e peguei uma pedra grande ao lado do lindo canteiro de flores em frente à ampla janela da entrada.

Meu coração batia forte, mas pensar em meu pai inconsciente, com a pele pálida e cerosa, me deu a motivação necessária.

Sem pensar duas vezes, bati com a pedra no vidro mais próximo da fechadura da porta e ele se estilhaçou de uma só vez. A pedra escorregou de meus dedos e caiu no chão, dentro da botica, fazendo barulho.

Eu me virei de novo, já esperando ser flagrada por um transeunte ou um guarda, mas não havia ninguém ali. Coloquei a mão dentro, puxei a fechadura e a porta se abriu com facilidade, arrastando a pedra no chão.

Entrei e fechei a porta depressa. Faltava pouco para encontrar a cura para meu pai. A energia corria pelo meu corpo, enquanto eu me precipitava para frente, olhando todas as prateleiras. Havia pós, pomadas, cápsulas, cristais, chás, óleos. Frascos pequenos, frascos grandes, sachês, conta-gotas, potes. Era avassalador.

Meus olhos percorreram tudo e eu suspirei alto ao ver a palavra tinturas gravada em uma placa atrás do balcão. Havia uma parede inteira delas, todas em frasquinhos de vidro azul. Contornando o balcão e indo para trás dele, comecei a analisar os rótulos na penumbra, grata por Sorrel ter me ensinado a ler. *Entorpecedor de mente, Alívio para as Costas, Redutor de Inchaço dos Olhos, Alívio de Erupções...*

— Você deve estar desesperada para quebrar a minha janela assim — gritou uma voz feminina atrás de mim.

Fiquei paralisada, com a mão tremendo e segurando o frasco de *Xô Infecção* que havia acabado de pegar. Minha respiração se acelerou e os músculos se contraíram como uma mola, prontos para sair correndo a qualquer momento.

Eu me virei e dei de cara com uma feérica de aparência gentil, cabelos castanhos e alguns fios grisalhos. Devia ter trinta e tantos anos, estava parada no meio da loja, de camisola, olhando para a janela quebrada com a testa franzida.

— Meu pai está morrendo. Um estria vermelha saindo de uma ferida fedorenta estão subindo na direção do coração dele. Não tenho dinheiro para pagar, desculpa — eu disse às pressas, torcendo para que ela não me atacasse com magia paralisante ou chamasse um guarda.

Seria melhor eu sacar minha adaga? Acaso ela teria magia para me prender? Ela bloqueava o caminho da saída, e eu refleti que deveria ter pensado melhor em um plano.

Ela balançou a cabeça devagar, juntou as mãos e franziu sutilmente a testa para mim.

— Se forem estrias vermelhas, a tintura não vai funcionar. Ele vai precisar de um curandeiro. Na Academia há estudantes de cura que atendem pacientes de graça, para praticar. Precisam atender um certo número de casos diferentes para se formar.

Eu repassava as palavras dela na cabeça, tentando processá-las, confusa. Ela estava me... ajudando?

Ela não sabia que eu não era dali?

— Eu quebrei sua janela — soltei, me perguntando por que, em nome da Luz, ela me ajudaria depois disso.

Ela concordou.

— O que significa que você deve estar mesmo precisando. Meu negócio é ajudar pessoas. Mas preferiria que você tivesse batido.

A vergonha fez meu rosto esquentar e me senti péssima na hora. Não havia pensado em bater e simplesmente pedir esmola. E será que ela morava ali? Olhei para a lateral da loja e, era verdade, vi uma prateleira entreaberta que escondia uma porta secreta, que devia levar à casa dela.

— Eu... desculpa. Vou tentar pagar. — Era uma mentira inútil; não usávamos moedas em Isa. Eu trabalhava na taberna fazendo escambo; não precisávamos de dinheiro.

Então, a mulher me lançou um olhar severo e penetrante enquanto levava as mãos à cintura.

— Ah, espero mesmo que você volte e trabalhe para pagar essa dívida. — Ela apontou para o vidro quebrado.

Trabalhar? Na Cidade Dourada? Então, ela não sabia que eu não era dali. Mas a informação dela sobre uma academia que aparentemente treinava curandeiros e oferecia trabalho gratuito foi o que chamou minha atenção naquele momento.

— Para onde fica a Academia mesmo? Meu pai não tem muito tempo, foi uma noite horrível e estou toda confusa. — Apontei para os fundos da loja e depois para a lateral, para ver se ela me dava informações.

Ela revirou os olhos.

— A Academia! O grande prédio preto a oeste daqui. Você com certeza sonha em estudar lá desde pequena!

Concordei.

— Ah, claro. *Essa* Academia.

Eu não fazia ideia do que era essa tal de Academia, mas queria ir para lá naquele instante e arranjar um curandeiro para meu pai. Eu levaria a tintura e o curandeiro, e ele não morreria de jeito nenhum.

Guardei o frasco de *Xô Infecção* no bolso.

— Vou trabalhar para pagar isto também — menti. — Vou levar, por via das dúvidas.

Ela suspirou, resignada.

— Tudo bem, querida. Da próxima vez, bata. Você sabe que não me importo de ajudar as pessoas que moram na Zona Oeste.

Aí está. De novo. O guarda e agora ela. Percebi, então, que havia gente pobre na Cidade Dourada, e meu coração ficou apertado quando percebi que eles conseguiram me identificar logo de cara como uma delas.

— Obrigada... — murmurei.

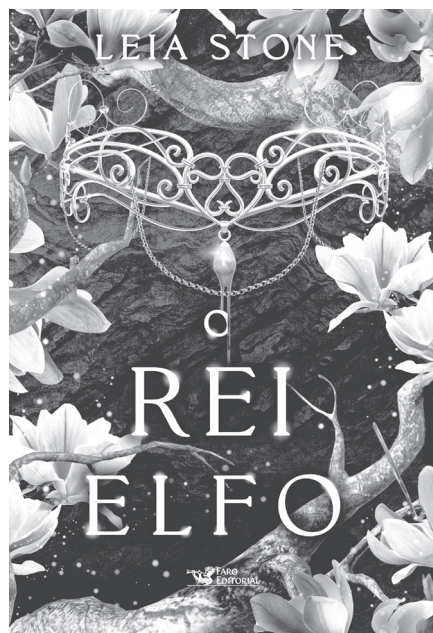
Saí de trás do balcão e hesitei antes de ir até a porta e abri-la.

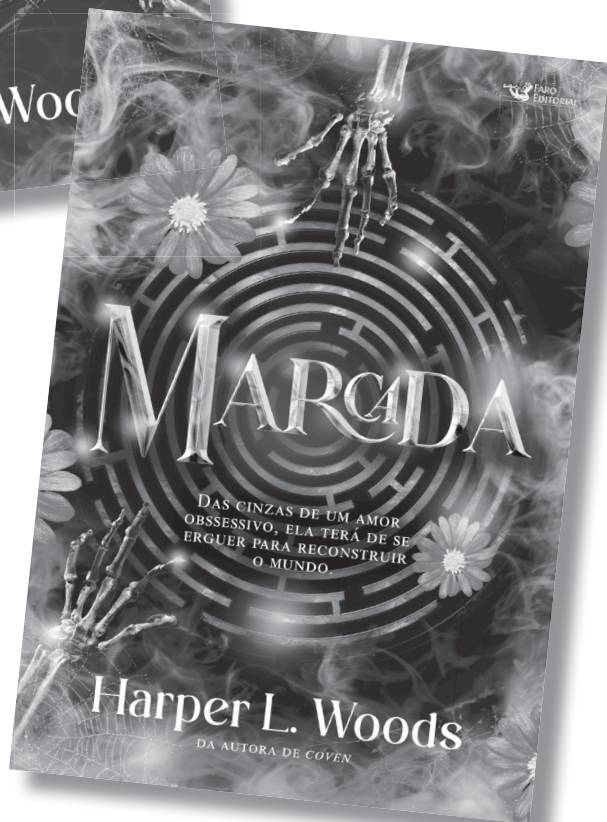
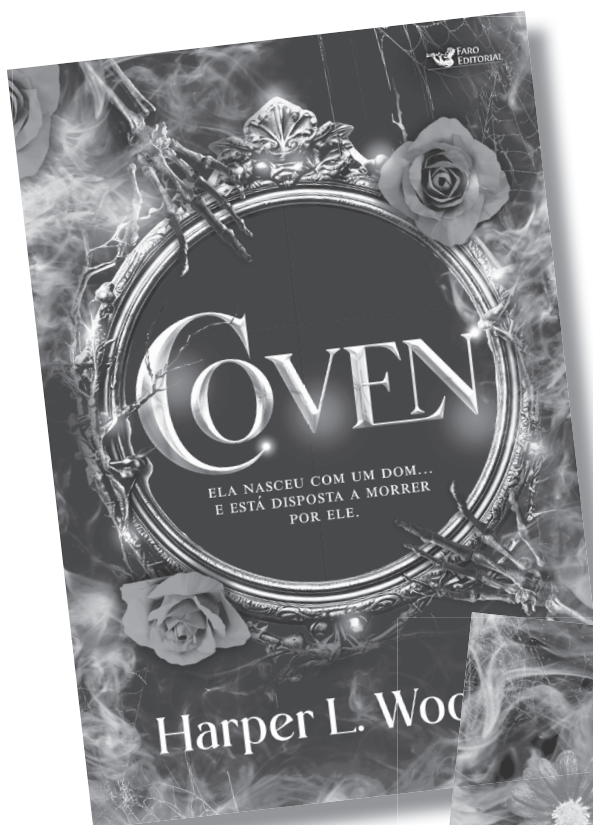
— Espero que você limpe isto amanhã! — gritou ela atrás de mim.
— Vou deixar a vassoura lá fora.

Eu não queria dizer àquela mulher que ela nunca mais me veria. Até gostei de ela pensar que eu morava na Cidade Dourada, apesar de achar que era da parte pobre. Então, agradeci de novo e saí da loja em busca de um curandeiro para meu pai.

O que eu não sabia era que encontraria muito mais do que esperava.

LEIA TAMBÉM





CLAIRE
LEGRAND



UMA COROA DE
HERA E VIDRO

PARO
EDITORIAL

M. STEVENSON

PREDESTINADA

Um reino
em guerra;
um príncipe
amaldiçoado, um
amor inesperado.

PARO
EDITORIAL

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo
com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2025